

## **AS FORMAS DO NÃO PRÉ-VERBAL: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA**

*Lilian Teixeira de Sousa (UFMG)*

O presente trabalho descreve e analisa, quantitativa e qualitativamente, negativas sentenciais no Dialeto Mineiro, com o objetivo de verificar se a alternância entre as partículas negativas não, num e nu constitui ou não um caso de mudança em progresso. Busca-se, também, verificar se o item nu constitui mais uma etapa de um processo de gramaticalização envolvendo o não pré-verbal que prevê as seguintes etapas: não num nu 0.

As construções negativas selecionadas para estudo são: a) a negativa pré-verbal - [Não V]; b) a pré- e pós-verbal - [Não V Não] e d) a pós-verbal - [V Não]. A variável dependente é observada em relação aos seguintes fatores internos e externos: tipo de oração, realização fonológica da partícula não pré-verbal, tipo de verbo, retenção ou supressão do sujeito na oração, presença/ausência de pausa antes do segundo não na estrutura [Não V Não], idade e sexo.

O corpus utilizado é formado por entrevistas sociolinguísticas, realizadas com informantes nascidos na cidade de Mariana (MG). A amostra foi dividida, de acordo com a faixa etária do informante, em cinco grupos: crianças, adolescentes, jovens, medianos e idosos.

Em análise preliminar, a alternância não/num apresentou um perfil de mudança em progresso apenas nas realizações ocorridas na variante inovadora [Não V Não]. Quanto a terceira variante ([“Nu”]) verificou-se que essa é muito freqüente entre as crianças de 8 a 11 anos (faixa etária analisada). Pretende-se, porém, incluir o item nu na análise de mudança em progresso, analisando-o em todas as faixas etárias.

A análise envolvendo o não pré-verbal constará de análise acústica, a qual dará subsídios para a confirmação da existência do item nu, além de corroborar para a hipótese do processo de gramaticalização caracterizado pela redução do não pré-verbal.

## **CONCORDÂNCIA VERBAL E VARIAÇÃO**

*Maria Cristina Morteau Carvalho (UEL)*

A língua que as crianças usam ao entrarem na escola difere daquela que é ministrada no ensino regular. Aquela é muitas vezes desprestigiada e estigmatizada e gera, nos aprendizes, de um modo geral, preconceitos como o de não saberem e de julgarem a sua própria língua difícil. A essa realidade, Kato (1998) chama de diglossia. Para constatar a afirmação da autora, ocorrências de concordância verbal foram levantadas com a finalidade de verificar qual o parâmetro desse fenômeno utilizado pelas crianças quando entram na escola. Com a utilização da metodologia sociolinguística, buscou-se comparar a linguagem de alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental com a de alunos de 1ª série do ensino médio, objetivando observar quais conteúdos, sobre a concordância verbal, a escola ensina em um período de 8 anos. Os dados colhidos, por meio de narrativas orais gravadas em áudio, foram tratados estatisticamente pelo programa computacional VARBRUL. No trabalho em pauta, os dados apontam que os alunos, ao realizarem a concordância verbal, o fazem de forma diversa da regra existente na gramática normativa ensinada comumente na escola, utilizando, na maioria das vezes, alterações fonéticas, trocando, por exemplo, prenderam por prendero. Há, também uma preferência pelo uso do singular e pelas 1ª e 3ª pessoas. Os alunos da 1ª série do ensino médio não se utilizam tanto da alteração fonética para realizar a concordância verbal na linguagem oral, no entanto, as “violações” das regras de concordância verbal da norma padrão ficam mais evidentes na suas falas e, em textos escritos,

as alterações fonéticas não aparecem. Por meio de diversas pesquisas realizadas com a metodologia sociolinguística, fica patente a importância da escola na aprendizagem da língua padrão, porém nem sempre a escola leva em consideração que o aluno já possui um domínio considerável de sua língua.

### **CONDICIONAMENTOS MORFOLÓGICOS PARA A OCORRÊNCIA DO SUJEITO NULO EM DADOS DE FALA: O TEMPO E FORMA VERBAIS**

*Elisângela Gonçalves da Silva*

Nesse estudo, verificamos a presença vs. ausência do sujeito pronominal nulo em dados de fala de 30 (trinta) informantes da comunidade linguística de Vitória da Conquista - Sudoeste da Bahia. A pesquisa desenvolveu-se com base na metodologia variacionista, assim como à luz de alguns pressupostos da gramática gerativa na análise dos dados. Em tal análise, foram postulados fatores linguísticos e extralinguísticos como condicionadores da (não-)realização do sujeito nulo. Entre os grupos de fatores linguísticos levantados, encontra-se o tempo e a forma verbais. Nos estudos realizados, a ambigüidade da morfologia verbal é uma variável que se tem relacionado com a maior presença de pronomes sujeitos preenchidos. Ocorre sempre que se neutraliza a oposição que se espera haver entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular no pretérito imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito do Indicativo ou nos tempos do Subjuntivo. Nesses casos, por exemplo, nem mesmo a primeira pessoa se opõe às demais. Tal fato pode enfraquecer a afirmação de que o português pode prescindir de pronome sujeito por já ter a indicação de pessoa expressa na desinência número/pessoa. Se, por um lado, o presente e o pretérito perfeito do Indicativo permitem identificar algumas pessoas; por outro, o pretérito imperfeito do Indicativo e do Subjuntivo não o permitem. O nosso objetivo, ao considerarmos este grupo de fatores, foi verificar qual(is) tempo(s) e forma(s) verbais favorece(m) o uso do sujeito pronominal nulo e qual(is) não o favorece(m).

### **FORMAS DE TRATAMENTO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

*Luiz Antônio da Silva (USP)*

A linguagem é um veículo para a interação com outras pessoas, por isso é utilizada diariamente e, muitas vezes, as pessoas não reconhecem o quanto ela é importante. Como não se pode desvincular a linguagem da sociedade, é preciso conhecer o conjunto de normas que regulam o comportamento adequado dos membros de um meio social. por isso cada sociedade estabelece regras que regulam esses comportamentos. As formas de tratamento fazem parte dessas regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados ou inadequados.

Entendemos por formas de tratamento palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa.

este trabalho tem por objetivo estudar as formas de tratamento na obra MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, de Machado de Assis.

### **O PORTUGUÊS DO BRASIL NO CONTÍNUO ORALIDADE-LETRAMENTO**

*Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)*

Assumindo o pressuposto desenvolvido por BORTONI-RICARDO (2004: 51), de que não “existem fronteiras rígidas entre entidades como língua-padrão, dialetos, variedades não-padrão etc.”, objetiva-se, neste trabalho, apresentar reflexões sobre o comportamento variável do Português Brasileiro, no que se refere especificamente ao contínuo de oralidade-letramento. Este contínuo,

segundo a autora, é um dos três contínuos fundamentais - urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística - para a compreensão da variação no Português Brasileiro.

A fim de cumprir o propósito geral do trabalho, elegeu-se um fenômeno cujo uso na variedade brasileira do Português é nitidamente diferenciado quanto à modalidade lingüística, o fenômeno da colocação pronominal. A partir dos resultados de VIEIRA (2002) - pesquisa que apresenta um tratamento sociolingüístico de dados das modalidades oral e escrita, produzidos por brasileiros com diversos graus de escolaridade e pertencentes a faixas etárias diversas - evidencia-se a complexidade da regra variável consoante o contínuo oralidade-letramento.

Efetivamente, pode-se considerar a regra variável da ordem dos clíticos pronominais como um complexo de variantes que se apresentam em determinado ponto de um contínuo - do mais oral ao mais escrito - regulado pelos diversos tipos de textos, graus de formalismo e consoante diferentes contextos morfossintáticos.

## **O USO DE FORMAS DO PRESENTE DO INDICATIVO POR FORMAS DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO NO PB**

*Ana Alves Neta*

Neste trabalho, analisa-se, sob a perspectiva sociolingüística variacionista, o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo no português brasileiro. Foram considerados seis grupos de fatores - três estruturais (Tipo de oração, Modalidade, Tipo de conjunção da oração subordinada adverbial) e três não-estruturais (Nível de escolaridade, Faixa etária, Estilo de fala).

Os resultados mostram que:

a) Quando considerados os casos em que se prevê o uso de formas do presente do Subjuntivo com valor de Subjuntivo e com valor de Imperativo, as formas do presente do Indicativo ocorreram em 41% dos dados; a forma inovadora é favorecida por quatro grupo de fatores: Modalidade, Tipo de conjunção de adverbial, Nível de escolaridade e Faixa etária.

b) Em relação ao uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo com valor de Subjuntivo, o percentual diminui. O Tipo de Oração e o Nível de escolaridade foram os grupos de fatores considerados significativos. Em relação ao uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo com valor de Imperativo, esse contexto demonstra ser extremamente favorecedor do uso da variável em questão.

A hipótese inicial que norteou o presente trabalho de que o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo é um caso de variação que pode ser caracterizado com mudança lingüística deve ser refutada, pois de acordo com os dados de fala analisados constata-se que o falante de Januária/Norte de Minas, não faz a substituição de formas do presente do Subjuntivo por formas do presente do Indicativo com valor de Subjuntivo em estruturas nas quais se prescreve o Subjuntivo com valor de Subjuntivo, numa freqüência e com distribuição pelas faixas etárias que permitam caracterizar a variação como mudança